

OS LIMITES ENTRE A DERIVAÇÃO E A COMPOSIÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Felipe da Silva Vital (UFRJ)

felipe.vital02@hotmail.com

Vitor de Moura Vivas (IFRJ)

vitor.vivas@ifrj.edu.br

Tanto no âmbito da Gramática Tradicional (doravante GT), como Rocha Lima (1972), Bechara (2000), quanto no dos livros didáticos, como Cereja & Magalhães (2013), Ramos (2013), o processo formador de palavras conhecido com derivação e os elementos morfológicos presentes (afixos e radical) no processo são tratados de maneira (a) confusa, no sentido de os critérios gramaticais de análise (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) se misturarem sem alguma coerência na tentativa de categorização dos elementos e (b) insuficiente, no sentido de as peças morfológicas serem apresentadas de modo meramente formal, sem ser levado em conta, sobretudo, seu potencial semântico-textual. Partindo de exaustivas análises de livros didáticos retirados do PNLD e de autores de GT, propomos novos caminhos para o ensino de morfologia no Ensino Médio, entendendo, como Bagno (1999), o círculo vicioso do ensino de língua portuguesa, muito apregoado pelo que se pode chamar de “tradição pedagógica”. Baseando em Koch (2008) e Werneck dos Santos (2015), mostramos que a sufixação pode ter uma função importante a nível textual. A partir de Gonçalves (2016), consideramos as funções da formação de palavras e aplicamos ao fenômeno em tela. Dessa forma, fundamentando-nos em Franchi (2006), Basso & Oliveira (2012) e Antunes (2014), apelamos em favor de um ensino de língua portuguesa baseado na orientação da Linguística para que as aulas sejam uma proposta de educação reflexiva sobre as modalidades da língua, propondo um ensino progressivista, partindo dos saberes inatos e empíricos que todo falante (aluno) tem sobre sua língua.

Palavras-chave: Ensino. Linguística. Morfologia.